



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

A IMPORTÂNCIA DO JORNAL A LUTA NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM MUSICAL DE ANTÔNIO RAYOL COMO O TENOR MARANHENSE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX EM SÃO LUÍS

João Costa Gouveia Neto*

1

Nos idos da segunda metade do século XIX, na constelação das artes não mecânicas, o campo das letras foi o mais prolífico e destacado entre as elites imperiais, devido a sua principal característica como fruto essencialmente do pensar. Naquele século XIX, tudo o que fosse realizado com as mãos era depreciado pelas elites, que definiam trabalho manual como sinônimo de escravidão e de pobreza. Por isso, só as artes que lidavam essencialmente com as ideias, nas quais as mãos eram utilizadas apenas de forma delicada, eram consideradas dignas das elites.

Dessa forma, a Literatura conquistou muitos compassos por conta do seu enquadramento essencialmente no pensar e no sentir. Com o passar dos anos a música, também considerada uma arte manual, que no Brasil desde os primórdios fora desenvolvida por índios¹ e negros, ganhou novos significados após a vinda da família

* Graduado em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), mestre em História do Brasil pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí (UFPI), graduando em Música da UEMA e professor do Programa Darcy Ribeiro da Universidade Estadual Maranhão (UEMA).

¹ É notório que os missionários jesuítas utilizaram a música como instrumento para domesticação dos índios desde sua chegada na América Portuguesa.

real portuguesa para o Brasil, em virtude da necessidade de músicos brancos para atuar no paço imperial, pois uma corte ilustrada europeia não poderia ser servida essencialmente músicos escravos e mulatos.

A partir das mudanças que a instalação da corte portuguesa trará à colônia brasileira, a organização da música no Brasil ganhou avanços com a vinda de músicos europeus e a formação de músicos brancos para atuar nas comemorações cívicas e nas festas realizadas por D. João VI. Depois que o Brasil tornou-se uma nação independente e, principalmente, depois da coroação de D. Pedro II como imperador do Brasil, as artes floresceram ainda mais, inclusive a música, por conta do grande incentivo do imperador. Em 1848, o governo imperial criou o Conservatório de Música, sediado no Museu Imperial e, em 1857, a Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, o que fez com que as artes musicais ganhassem mais destaque e, por conseguinte, um espaço institucionalizado e elitizado.

Em São Luís, seguindo os ditames da corte imperial, já existiam aulas de música em espaços institucionalizados e dedicados ao ensino, tais como o Liceu Maranhense, fundado em 1838, A Casa dos Educandos Artífices², criado em 1841 e o colégio Nossa Senhora da Glória dirigido pelas irmãs Abranches³, dentre outros.

Apesar desses espaços que já dedicavam uma porcentagem do tempo ao estudo da linguagem musical é importante frisar que não eram escolas dedicadas a formar músicos. A música fazia parte do currículo assim como a matemática e língua portuguesa. Assim, no decorrer das linhas seguintes o intuito é entender como a atuação de Antônio Rayol como cantor lírico, regente e professor contribuiu para a história da educação musical em São Luís nos idos da segunda metade do século XIX.

Para entender os caminhos trilhados por Antônio os jornais que circularam pela capital da província do Maranhão, em especial o Jornal A Luta. Em São Luís, nos idos da segunda metade do século XIX, essa função não fora negligenciada, mesmo os redatores dos periódicos sabendo que a grande maioria dos moradores da cidade não dispunham do aparato principal para manuseá-lo, a leitura. Os vários jornais que

² Cf. CASTRO, César Augusto. Infância e trabalho no Maranhão Provincial: uma história da Casa dos Educandos Artífices (1841 – 1889). São Luís: EdFUNC, 2007

³ Cf. ABRANCHES, Dunshee. O captiveiro. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1941.

circulavam pela capital ludovicense abrangiam todos os temas que os (as) maranhenses queriam inteirar-se naquele presente.

Antônio Carlos dos Reis Rayol nasceu em 1855, segundo filho do consórcio entre Augusto e Leocádia, ainda muito jovem atuou na área da composição musical, regência, mas foi como cantor lírico que mais se destacou pela delicadeza e intensidade sonora da sua voz.

Não encontrei notícias sobre o histórico escolar de Antônio, principalmente, no que diz respeito aos estudos musicais. Seu irmão mais velho Leocádio Alexandrino dos Reis Rayol estudara música com o maestro José de Carvalho Estrella, que talvez, por conjectura tenha sido também o primeiro professor de música de Antônio.

Antônio provavelmente iniciou seus estudos em São Luís e ali conseguiu adquirir conhecimento suficiente para vencer um concurso no Rio de Janeiro em 1879 com apenas 24 anos de idade. Tal concurso selecionou um tenor cujo prêmio era uma bolsa de estudos na Europa, mais especificamente na Itália, onde estudou dois anos e teve como professor de canto Alberto Giannini (1842-1903) e de harmonia e composição Vincenzo Ferroni (1858-1934) (*Enciclopédia de Música Brasileira* apud CARVALHO SOBRINHO, 2003, p. 90).

Após esse período de estudos no velho mundo, Antônio Rayol conquistou grande notoriedade em São Luís por conta dos progressos musicais apresentados aos seus conterrâneos, por isso suas aulas eram concorridas e seus alunos pertenciam aos estratos mais favorecidos da sociedade ludovicense, pois, como informa o anúncio seguinte, podiam fazer doações aos acometidos pelas epidemias de varíola que assolavam o Maranhão nesse tempo:

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

Relação nominal dos alumnos da aula de música do professor Antonio Rayol que contribuirão expontaneamente com a quantia de 1\$400 rs. para socorrer-se aos indigentes variolosos.

A. Raiol (professor da aula).....	2\$000
JoãoG.daSilva.....	2\$000
ArthurB.CostaFerr ^a	2\$000
DomingosCôcoRibeiro.....	1\$000
D.DeocleciaR.deSouza.....	1\$000
ThoméLisboa.....	500

D. Anna L. F. Santos.....	300
Luiz Santos.....	200
Antonio M. Ferreira.....	200
Alfredo Ferreira.....	200
Desta quantia deu-se ao exm. sr. governador do Bispado.....	8\$400
E a comissão dos estudantes.....	3\$000
Maranhão, 17 de janeiro de 1883 ⁴ .	

Ao que parece mesmo após a temporada na Europa a atuação mais constante de Antônio em termos musicais será no campo do ensino o que ratifica a notícia acima. Outro ponto importante e que ratifica essa ideia é a de que um cantor famoso e bem sucedido não teria tempo suficiente para ministrar aulas para essa quantidade de alunos se tivesse que estudar constantemente partituras em outros idiomas, exercitar todos os detalhes das peças de mestres da ópera como Donizete e Rossini.

Antônio tinha grandes amigos no jornal *A Luta*, periódico que circulava em São Luís na década de 1890. Por conta dessa amizade, os redatores desse jornal veiculavam notícias sobre o tenor maranhense quando este se encontrava ausente do convívio dos seus conterrâneos em viagem pela Europa.

É notório que, naquele século XIX, as pessoas não tinham as facilidades de deslocamento que as inovações tecnológicas promovidas pela modernidade oferecem aos homens e às mulheres atualmente. Eram longos itinerários em navios, nem sempre confiáveis e confortáveis. Itinerários esses que geralmente contornavam as principais capitais das províncias do império brasileiro até seguir para a Europa, como noticia o redator do jornal *A Luta*, sobre a atuação de Antônio na passagem pelo Ceará:

ANTONIO RAYOL

Retira-se para o sul da Republica o nosso distincto amigo Antonio Rayol, uma das poucas glorias que possui o nosso Estado. Depois de ter dado optimos concertos no Estado visinho e no nosso, colhendo os mais elevadas ovações a que tem direito a sua bella voz de tenor segue para o sul d'onde partirá para a Itália a fim de receber mais alguma educação artística.⁵

⁴ PUBLICAÇÕES a pedido. *Pacotilha*, ano 3, São Luís, 19 jan. 1883.

⁵ ANTÔNIO Rayol. *A Luta*, São Luís, n. 7, domingo, 5 abr. 1891.

Em 1891, Antônio Rayol deixa São Luís tendo como destino mais uma vez o continente europeu. Mas, antes de chegar ao mundo considerado civilizado naquele presente, por conta das circunstâncias do transporte e da necessidade de rearmazenamento de água potável, limpeza da embarcação e desembarque e embarque de passageiros, Antônio deu concertos no famoso Club Iracema, na província do Ceará. Sobre o referido concerto, é o mesmo jornal *A Luta* que relata os sucessos do tenor maranhense nas “terras de Alencar”:

Com o applauso de que é digno, deu o nosso amigo Antonio Rayol, no Ceará, um esplendido concerto.

O Club Iracema offereceu seus vastos salões ao ilustre concertista prestando-se a digna directoria a coadjuvar o tenor maranhense em suas justas aspirações.

Antonio Rayol, não é um artista que supplica a queima do incenso, mas que tem direito as palmas do applauso pelo seu mérito e dedicada vocação pela arte que abraçou.

O que foi o concerto de Antonio Rayol no Club Iracema já podíamos calcular – um verdadeiro successo.

A imprensa da Fortaleza foi unânime na apreciação feita ao nosso amigo mas trasladamos para o nosso periódico a sua noticia e apreciação feita pelo – O Libertador – illustre paladino da imprensa da terra da luz:

Sabbado a noute o salão de honra do Club Iracema encheu-se da fina flor de nossa sociedade, que foi assistir ao concerto do tenor brasileiro Antonio Rayol.

O que de mais chick no bello sexo cearense e de mais selecto do sexo feio, achava-se reunido no salão do Iracema, na anciedade de ouvir o distincto tenor e os eximios amadores que prestaram-se gentilmente a auxiliial-o.

A execução do programa satisfez amplamente a expectativa do publico, que não regateou palmas; mas entretanto vamos destacar os trechos que mais entusiasmo despertaram.

A romanza Sentimental de Luzzi, foi cantada pelo Rayol com uma delicadíssima expressão, impressionando dolorosamente o auditório a phrase final em pianíssimo – Miu madre mori!... [...]

Terminou o concerto com a melodia da opera Il Vagabundo, cantada pelo Rayol, com a pujança e a doçura de sua voz extensa, avelludada e rica de nuances sonoras.

Depois, que se retiraram as famílias, a pedido de diversos cavalheiros que ficaram para acompanhar Rayol até sua residência, cantou ele trechos do << Africana>>, a ária do 4º acto do <<Trovador>> seguida do *Madre infelice* em que deu cinco vezes o dó do peito, destacando-se o ultimo que Rayol sustentou durante 30 segundos⁶.

⁶ ANTONIO Rayol. *A Luta*, São Luís, n. 12, quinta-feira, 7 maio 1891.

A notícia sobre a atuação de Antonio Rayol em Fortaleza, capital da província do Ceará, está cheia de informações importantes sobre as comunicações no século XIX, pois, apesar da dificuldade nos transportes, essas informações ainda circulavam com relativa rapidez para os padrões da época. A nota também informa quem executava o piano em Fortaleza e quem estava em evidência. Como o concerto fora realizado no clube mais famoso da referida cidade, ali estavam presentes os instrumentistas mais conceituados, é o que dá a entender o redator do jornal cearense.

Ainda sobre o teor da citação anterior é importante frisar que o redator ratifica os méritos de Antônio Rayol na execução vocal e nas expressões que cada peça exigia do interprete valorizando assim o tenor maranhense em terras de Alencar.

Acabados os sons dos aplausos dos cearenses, Antônio Rayol segue viagem para o Rio de Janeiro, agora capital da recém-criada República Brasileira, de onde partiu com destino à Itália. E sobre a passagem do tenor maranhense entre os cariocas é o redator do jornal *A Luta* que dá as informações:

Deve seguir hoje da capital Federal para Milão o nosso conterrâneo e amigo Antonio Rayol.
É mais um lutador ousado que victorioso em pequenas pelepas, busca entrar em nova e renhida batalha.
Que sejas coberto de loiros, como até agora tens sido, a humilde redacção da << Luta >>.
Eis o que encontramos a seu respeito na << Cidade do Rio >> de 15 de Setembro:
<< De volta de sua excursão pelo norte veio nos visitar o nosso estimado amigo Antonio Rayol, distincto tenor maranhense.
Antonio Rayol esteve no Maranhão, sua terra natal, e no Ceará e Pará, onde se fez ouvir sendo acolhido e applaudido com enthusiasmo.[...] << Ao tenor Rayol lembrança da tripulação do Brazil – 10-9-91.
Tomaram parte no concerto diversos amadores que foram muito applaudidos.
Rayol tenciona dar aqui nesta capital um concerto seguindo depois para a Europa.
Damos as boas vindas ao illustre artista e desejamos-lhe completo triumpho na brilhante carreira a que se destinou.⁷

A primeira questão importante contida na notícia sobre Antônio é que esta seria, pelo menos de acordo com as fontes que disponho, a segunda vez que o tenor maranhense deixou sua terra em direção ao velho continente.

⁷ ANTONIO Rayol. *A Luta*, São Luís, n. 37, domingo, 18 out. 1891.

Se Antônio Rayol era ou não conhecido realmente por todo o norte, nordeste⁸ e na capital imperial e depois federal⁹, não há como precisar com certeza, pois, assim como hoje, existem colunas nos jornais dedicadas exclusivamente a notícias dos leitores ou de quem possa pagar por um anúncio, no século XIX não era diferente, ainda mais quando o motivo da notícia era amigo dos redatores. Assim, sobre os comentários do redator do jornal só podemos fazer conjecturas como estas...

Certo é que, nos primeiros anos da década de 1890, os conterrâneos de Antônio Rayol não podiam reclamar da falta de informações sobre o tenor maranhense. Até mesmo pelo que representava na capital ludovicense um conhecido e talentoso conterrâneo estudar na Europa. Era motivo de grande orgulho e contribuía ainda mais para aumentar a notoriedade do cantor perante a sociedade onde nascera.

Essa segunda viagem servirá para aumentar a fama de Antônio entre os ludovicenses, assim como a vontade das famílias ilustres de terem um dos filhos estudando sobre a batuta do tenor maranhense.

Antônio Rayol viaja para a Europa e continua em contato com os redatores do jornal *A Luta*. É graças a essas correspondências que hoje é possível saber as peculiaridades sobre a vida do cantor que mais se destacou no oitocentos ludovicense. Como dissera anteriormente, além de cantor, Antônio era também compositor, ofício que “confundia-se sempre com a profissão de regente de orquestra, mestre de banda ou ainda instrumentista. Dessa forma, quase todos os compositores [...] tinham sempre outra atividade musical, inclusive a de professor” (SILVA, 2006, p.184). Ao que parece, esse período de estudos na Europa foi fértil para Antônio Rayol, visto que, não muito tempo depois, o jornal *A Luta* publica notícia sobre as novas composições do tenor maranhense como *A Romanza Senti*, *Capriccio*, *Tantun Ergo* e assim fala o redator da notícia:

Continue Rayol o seu curso de musica na terra das harmonias e inspirações e volte para mais elevar o nome dos maranhenses as alturas que merece.

⁸ De acordo com o manual biográfico sobre músicos maranhenses intitulado *A festa dos sons*, Antônio Rayol foi diretor da Escola de Música da Bahia.

⁹ É importante salientar que Antônio Rayol foi Vice-Diretor da Escola Nacional de Música.

Para confundir seus adversários gratuitos basta o brilhantismo com que tem se distinguido. É o que desejamos a tão illustre maranhense¹⁰.

Interessante que pouco tempo depois da partida de Antônio para a Itália o jornal noticia novas composições do tenor maranhense. É provável que juntamente com a busca constante pelo aperfeiçoamento vocal devido a essa produção Antônio talvez realizou também outro curso de composição.

O jornal *A Luta* não apresentou mais informações sobre o tempo em que Antonio Rayol esteve na Itália. A última notícia é essa que contém as suas composições, datada de 1892. Não é possível saber quanto tempo permaneceu na Itália, se regressou e ficou mais algum tempo em outra capital brasileira, ou se voltou logo para sua terra natal. A falta de fontes sobre o tenor maranhense deixa uma lacuna neste estudo¹¹. O certo é que, em 1897, o festejado tenor maranhense Antônio Rayol participou de um concerto à memória de Carlos Gomes, homenageado através de um retrato inaugurado no teatro São Luís, como diz a notícia:

Esteve muito concorrido por senhoras e cavalheiros, o concerto que ontem de se realizou no salão nobre do teatro, promovido por uma comissão de cavalheiros que tomaram a si a tarefa de ornar aquele salão com o retrato do pranteado Carlos Gomes.

Em 3 partes foi dividido o programa executado, dando-lhe todo o brilho na 1ª e 3ª a distinta e jovem pianista maranhense Almerinda Nogueira.

Repetidos aplausos coroaram o final de todas as execuções, com que tanto concorreu o artista De Mesmeris, que a pedido repetiu a segunda.

O Sr. Rayol colheu gerais demonstrações de apreço quando cantou a romanza de barítono da ópera – Um ballo in maschera.

A parte do concerto, que impressionou vivamente e foi calorosamente aplaudida, foi a Fantasia para Flauta da ópera do imortal Carlos Gomes – Guarani – executada pelo apreciado flautista maranhense Dr. Cláudio Serra, que foi muito felicitado e cumprimentado [...]¹².

¹⁰ ANTONIO Rayol. *A Luta*, São Luís, n. 47, 24 fev. 1892.

¹¹ Como dissera, não tive a felicidade de encontrar mais fontes que tratam sobre a carreira artística de Antonio Rayol, no entanto, no site www.patrimiodahumanidade.com, há uma página sobre as personalidades que marcaram a história do Maranhão e, nela, consta uma pequena biografia de Antônio Rayol. Na referida cronologia, no ano de 1894, Antonio estaria ensinando violino e canto em Recife e também no Conservatório de Música da Bahia, todavia não diz quando regressa ao Maranhão. Como o site não cita as referências e nem as fontes de pesquisa, não há como precisar a “veracidade” dos dados ali apresentados.

¹² ESTEVE... *Diário do Maranhão*, São Luís, 13 out. 1897.

Vale destacar que as notícias citadas aqui têm o intuito de rastrear a atuação do tenor maranhense, por isso a citação anterior mesmo que pareça sem importância consta neste texto para ratificar a presença de Antônio em terras maranhenses.

Em 1897, Antônio Rayol estava em São Luís. Dois anos depois, em 1899, manda veicular notícia sobre as aulas em seu colégio de música: “COLLEGIO “RAYOL” – Em 10 de janeiro do próximo anno, **reabrirá** este collegio as suas aulas nesta capital. Para qualquer informação tem pessoa habilitada a prestar, a rua do Trapiche n. 30”¹³.

Este anúncio reforça uma das grandes contribuições de Antônio Rayol para os ludovicenses talvez até mesmo para os maranhenses que foi a criação da primeira escola de música do Estado do Maranhão a partir de suas reivindicações.

Ainda sobre as contribuições de Antônio para o ensino da música em São Luís o jornal Diário do Maranhão publica anúncio sobre a edição de um livro escrito pelo tenor maranhense intitulado “Noções de Música Extrahidas de excellentes autores”¹⁴. Nesse livreto de menos de trinta laudas Antônio sintetiza princípios gerais sobre teoria musical.

No mesmo ano de 1903, mas agora no mês de outubro aconteceu em São Luís o Festival Rayol a notícia não apresenta se foi em comemoração a uma data especial ou simplesmente uma homenagem ao tenor maranhense, já muitos bilhetes estão passados para o brilhante festival que muitos apreciadores do primoroso tenor A. Rayol estão organizando para a noite do de 18 do corrente no Theatro S. Luiz”¹⁵.

São praticamente dois anos sem notícias de Antônio nos jornais pesquisados e a nota acima passa um sentimento de resgate talvez da notoriedade do tenor maranhense em relação à sociedade ludovicense ou dele em relação a ela.

Após essa data somente em 1904 através do jornal Pacotilha tive notícia agora já sobre a morte de Antônio Rayol, como diz o autor:

¹³ COLÉGIO Rayol. *Diário do Maranhão*, São Luís, 7 dez. 1899.

¹⁴ NOÇÕES... *Diário do Maranhão*, São Luís, 25 fev. 1903.

¹⁵ FESTIVAL... *Diário do Maranhão*, São Luís, 8, out, 1903.

A notícia da morte do tenor maranhense Antonio Rayol ao mesmo tempo que trouxe o desgosto do desaparecimento de um antigo camarada avivou na minha memória a lembrança de anos felizes e descuidosos, que não tornam a voltar e dos quaes data a descoberta do poderoso orgam vocal de que ele era dotado.

Antonio Rayol pertencia a uma trindade de irmãos artistas, todos elles com a mais pronunciada vocação para a música. [...]

Quanto a este que acaba de fallecer, desde muito cedo o theatro, que mais tarde lhe negou os triumphos e os proventos a que aspirava, sem dúvida porque a natural pureza da sua voz não acompanhavam talvez outras qualidades indispensáveis a um bom tenor de palco, começou a attrahil-o, e a influir nos seus destinos.

Naquela epocha nos éramos no Maranhão um grupo de moços, que davam a nota, como se costuma dizer, abalancando-se as mais difficeis empresas próprias da juventude [...]¹⁶

O autor da notícia assinava o pseudônimo de *Joafaas* e fazia parte do Club dos Dez que deu origem a um Theatrinho Particular que acabou sendo chamado de Variedades como o que funcionava na casa de João Abranches. Esse theatrinho era composto por jovens, amadores, em sua maioria, que ainda caminhava pelos caminhos das artes cênicas, como Arthur Azevedo, da música, como os irmãos Rayol e da literatura como Aluísio Azevedo. Esses jovens que num futuro próximo tornaram-se grandes expoentes nas referidas artes.

Além de informações riquíssimas que essa nota aborda sobre os divertimentos em São Luís nos idos da segunda metade do século XIX, é mais significativa, pois desmistifica um pouco a fama criada com a ajuda do jornal *A Luta* sobre a carreira de sucesso e a notoriedade de Antonio Rayol na capital maranhense, como escreve:

Provavelmente desiludido dos seus sonhos de gloria, afogados na materialidade prosaica do professorado obscuro e mal pago, lá se foi dormir o somno eterno esse pobre companheiro, e a sua perda, despertando nos seus contemporâneos a melancolica saudade da longínqua meninice [...]¹⁷

É evidente que essa falta de reconhecimento que o redator da notícia atribui a Antônio Rayol como cantor lírico não diminui a importância que ele representou para a capital maranhense nos idos da segunda metade do século XIX, principalmente, no que diz respeito ao seu pioneirismo na educação musical dos maranhenses que culminou na

¹⁶ AS ORIGENS... *Pacotilha*, São Luís, 12, dez, 1904.

¹⁷ AS ORIGENS... *Pacotilha*, São Luís, 12, dez, 1904.

criação em 1901 da primeira Escola de Música do Estado a partir dos resquícios do seu colégio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PRIMÁRIAS

JORNAL A FÉ 1865

JORNAL A LUTA 1891, 1892

JORNAL O OBSERVADOR 1854

JORNAL O CONSTITUCIONAL 1852

JORNAL DIÁRIO DO MARANHÃO 1856, 1877, 1878, 1879, 1884, 1885, 1888, 1890, 1891, 1892, 1894, 1895, 1896, 1897, 1898, 1899, 1900, 1901, 1903, 1904

JORNAL PACOTILHA 1883, 1885, 1890, 1893, 1897, 1901, 1904

Almanaque do Maranhão para o ano de 1858.

Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Maranhão para o ano de 1868.

Almanaque Administrativo do Maranhão para o ano de 1873.

Almanaque do Diário do Maranhão para o ano de 1879.

FONTES SECUNDÁRIAS

ABRANCHES, Dunshee. *O cativo*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1941.

BRAUDEL, Fernand. *Gramática das Civilizações* – 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CASTRO, César Augusto. *Infância e trabalho no Maranhão Provincial: uma história da Casa dos Educandos Artífices (1841 – 1889)*. São Luís: EdFUNC, 2007

CARVALHO SOBRINHO, João Berchmans de. A música no Maranhão Imperial: um estudo sobre o compositor Leocádio Rayol baseado em dois manuscritos do Inventário João Mohana. *Em Pauta*, Porto Alegre, v. 15, n. 25, jul./dez. 2004.

CARVALHO SOBRINHO, João Berchmans de. *A música religiosa de Leocádio Rayol (1849 – 1909) e sua relação com o Maranhão do século XIX: um estudo musicológico, com transcrição, análise e perspectiva histórica*. 2003. Tese (Doutorado em Música com área de concentração em Musicologia/Etnomusicologia). Programa de Pós-Graduação em Música. Universidade Federal do Rio Grande do Sul .

CARVALHO SOBRINHO, João Berchmans de. *Músicas e Músicos em São Luís: subsídios para uma história da música no Maranhão*. Teresina: EDUFPI; Imperatriz, MA: Ética, 2010.

CORRÊA, Rossini. *Formação Social do Maranhão: o presente de uma arqueologia*. São Luís: SECMA, 1993.

CORREIA, Maria da Glória Guimarães. *Nos Fios da Trama: Quem é essa mulher? Cotidiano e trabalho do operariado feminino em São Luís na virada do século XIX*. São Luís: EDUFMA, 2006.

DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GOUVEIA NETO, João Costa. *No palco da cidade: música civilidade e sociabilidade na São Luís da segunda metade do século XIX*. 2006. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Maranhão.

GOUVEIA NETO, João Costa. *Ao som de pianos, flautas e rabecas... Estudo das vivências musicais das elites na São Luís da segunda metade do século XIX*. 2010. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí.

JANSEN, José. *O Teatro no Maranhão*. Rio: 1974.

JANSEN, José. *João Nunes: concertista, compositor, professor, cronista*. São Luís: Fundação Cultural do Maranhão, 1976.

KIEFER, Bruno. *História da Música Brasileira: dos primórdios o início do século XX*. 4ª ed. Porto Alegre: Movimento, 1977.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo: vida e obra (1857 – 1913)*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

PÍFANO, Raquel Quinet. *O estatuto social do artista na sociedade colonial mineira*. *Locus*. Revista de História, Juiz de Fora, v. 4, n.2, 1998.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

MOHANA, João. *A grande música do Maranhão*. 2ª ed. São Luís: Edições SECMA, 1995.

MONTEIRO, Maurício. *A construção do gosto: música e sociedade na corte do Rio de Janeiro. 1808-1821*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

PREFEITURA DE SÃO LUÍS. *A festa dos sons*. São Luís: SIOGE, 1972.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções, Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

ROQUETE, J. I. *Código do bom-tom, ou, Regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VIEIRA FILHO, Domingos. *Breve história das ruas e praças de São Luís*. 2ª ed. Maranhão, 1971.